

---

## A Epistemologia dos Processos Sociais nos Estudos das Negritudes<sup>1</sup>

Joselaine CAROLINE<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre as práticas epistemológicas de produção de conhecimento no campo das negritudes. Partindo de uma perspectiva teórico-metodológica propomos algumas reflexões no campo da comunicação, dialogando sobre as relações e influências da midiaticização nos campos que atuam sobre a dialética entre saber e conhecimento na contemporaneidade. No contexto sociocultural realizamos uma análise da transformação dos processos sociais e da presença do Movimento Negro na construção das epistemologias que são atravessadas pelas lógicas do racismo, a fim de compreender o papel e resultados dos saberes emancipatórios na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** epistemologia; negritude; comunicação; Movimento Negro; processos sociais.

### INTRODUÇÃO

Os desafios do Movimento Negro em sobrepor os efeitos históricos do período escravista, ao qual os africanos e seus descendentes foram submetidos, transcorre diversas áreas do campo do conhecimento científico, acadêmico, político, e social, entre outros. E, tentar reverter as desigualdades sociais e raciais é um desafio que a sociedade brasileira enfrenta ao tentar desenvolver políticas públicas que contribuam na reparação histórica ao contexto da escravidão, pois atualmente vivemos “num tempo simultaneamente de conflito e repetição (SANTOS, 2009).

Neste trabalho busca-se construir uma linha de análise crítica sobre as abordagens de pesquisa nas áreas das negritudes, para isso iremos explorar as consequências da herança das práticas escravagistas, no que tange a produção de conhecimento no âmbito da comunicação. O intuito é dialogar acerca das transformações dos processos sociais, e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias de Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação (UAM), Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação PPGCOM-UFRGS, sob orientação de Profa. Dra. Nilda Jacks, (UFRGS). E-mail: [joselaine.caroline@ufrgs.br](mailto:joselaine.caroline@ufrgs.br).

---

da presença do Movimento Negro na construção e resultados das epistemologias, que são atravessadas pelas lógicas do racismo na sociedade.

Através de um procedimento teórico-metodológico, articulado na obra de Nilma Lino Gomes (2017), que tem como inspiração a teoria da sociologia das ausências de Boaventura de Souza Santos (2010). A obra de Nilma Lino Gomes (2017), será a base para tratarmos das temáticas da negritude, no âmbito das epistemologias no Movimento Negro<sup>3</sup>. e questões relacionadas ao campo dos saberes emancipatórios para dialogar com as práticas das lógicas do racismo, dentro da linha de teoria crítica.

Abordaremos a epistemologia no que se refere à sua utilidade de buscar novos enfoques promissores (BUNGE, 1980), com o intuito de refletir a não cientificidade de alguns saberes não-hegemônicos e sobre a dialética entre o saber e conhecimento. Para aportar essas reflexões iremos pensar a epistemologia e práticas sociais a partir dos conceitos desenvolvidos por Boaventura de Souza Santos (2010; 2009; 2002), direcionando para as questões das práticas acadêmicas.

Na área da comunicação, no que concerne os campos sociais, dialogaremos com José Luiz Braga (2012), e Jiani Bonin e Livia Saggin (2018) sobre o sujeito investigador e as relações entre as mídias, movimentos sociais e cidadania, a fim de compreender as características das relações estabelecidas no campo da comunicação, no que se refere aos processos sociais.

Trataremos de discutir os processos sociais por intermédio da pergunta que norteia o nosso trabalho é: Como pensar em temáticas negras no âmbito da comunicação, tendo as lógicas do racismo como parte constituinte dos objetos de pesquisa no atravessamento dos campos?

## **DINÂMICAS DOS PROCESSOS SOCIAIS NO MOVIMENTO NEGRO**

As dinâmicas dos processos sociais da contemporaneidade possibilitam às pesquisas acadêmicas uma vasta variedade de possibilidades, abordagens e descobertas a partir de um problema de pesquisa. E, a construção dos problemas de pesquisa dentro das

---

<sup>3</sup> Concordamos com a definição de Nilma Lino Gomes (2018), que “entende-se por Movimento Negro as mais diversas formas de organização e articulação das negras e negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade. (...) Os grupos atuam com o *objetivo explícito* de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negras no Brasil, de rompimento de barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação de diferentes espaços e lugares na sociedade” (2018, p. 23 e 24, *grifo do autor*).

temáticas das negritudes mostra ser constantemente atravessada pelo racismo e relações étnico-raciais da racialidade, fato esse que têm emergido constantemente nos resultados das pesquisas acadêmicas e produções científicas da área.

O início da valorização social da educação para a população afro-brasileira começou dentro dos movimentos, associações e entidades negras, como a Frente Negra Brasileira (FNB), união política e social de um grupo de “homens de cor” (DOMINGUES, 2008). Essas organizações perceberam que a instrução educacional era uma forma de lutar contra o sistema social que colocava o negro em condição de subalternidade (GONÇALVES; SILVA, 2000), e a FNB acreditava que “a escravidão teria gerado o despreparo intelectual e/ou cultural do negro para o exercício da plena cidadania no mundo “moderno e civilizado” da República. E tal despreparo só poderia ser revertido pela via da instrução” (DOMINGUES, 2008, p.523).

“A politização de uma disciplina não é indício de uma grande autonomia e uma das maiores dificuldades encontradas pelas ciências sociais para chegarem à autonomia é o fato de que pessoas pouco competentes, do ponto de vista de normas específicas, possam intervir em nome de princípios heterônomos sem serem imediatamente desqualificadas. (BOURDIEU, 2004 p. 22).

Através da articulação educadora do Movimento Negro foi possível organizar as necessidades dos afro-brasileiros, entretanto, no cruzamento dos saberes e conhecimentos era necessário legitimar as lutas e experiências das negritudes, enquanto ciência. Porém, construir a identidade do povo negro através do contexto da diáspora das conexões das ancestralidades perdidas, gera contestações fortemente refutáveis devido ao atravessamento cultural, apropriações e ressignificações que a sapiência histórica proporciona aos sujeitos. Considerando que a identidade é formada através dos processos inconscientes, estando sempre em processo de formação (HALL, 2006, p. 38.), o Movimento Negro trata de reconhecer os vínculos históricos, políticos e culturais da relação com à ancestralidade africana, compreendendo que suas ações “*se façam presente e de forma explícita uma postura política de combate ao racismo*” (GOMES, 2018, p. 24, grifo do autor).

Nesse cenário a perda das genealogias dos descendentes de sujeitos escravizados, ainda que pungente, sofre um atravessamento na herança cultural, produzindo, para a maioria dos descendentes diretos de pessoas escravizados, uma memória ancestral a partir dos primeiros sujeitos livres que tiveram acesso ao letramento e alfabetização.

---

Na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad)<sup>4</sup>, feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2001, o percentual de negros no ensino superior era de 10,2%, enquanto que os estudantes brancos representavam 39,6%. Em 2011, esse percentual passou a ser de 35,8%, para estudantes negros e 65,7% de estudantes brancos.

Dado que o preconceito racial atua na sociedade de forma opressora e perpetuadora, o aumento do número de estudantes negros, ainda baixo, se comparado à quantidade de estudantes brancos dentro das universidades já apresenta um aumento considerável. Essa mudança é resultado de uma “conquista da política de cotas pelos movimentos sociais negros” (MACHADO; DE CAMPOS, 2019), sistema esse que “repara consequências de um processo histórico de discriminação, efetivado num passado não muito distante, mas ainda sistematicamente presente” (SILVA, 2017, p. 1210). Uma vez que o número de estudantes negros ainda é baixo dentro dos cursos de graduação e, consideravelmente, menor ainda, nos programas de pós-graduação, como situar-se de forma neutra e positivista em ambiências que não estão preparadas em desenvolver práticas sociais que contemplam as minorias?

A reparação histórica dos efeitos do sistema escravagista necessita de muito mais do que um sistema educacional sério e competente, que visa a equidade dos diferentes grupos étnico-raciais da sociedade brasileira. A igualdade de oportunidades no ensino superior público ainda não se faz eficiente no que tange as minorias de representatividade étnico-racial, uma vez que para alcançar o sistema de cotas foi necessário “um embate social, mediado pelos discursos de meritocracia e democracia racial” (MACHADO; CAMPOS, 2019).

O ingresso de pessoas de diferentes origens sociais e étnico-raciais somaria para a apreciação de diferentes visões de mundo, formas de resolução, culturas, enfim, matrizes distintas. A diferença enriqueceria as possibilidades de produção de saberes dentro da universidade, cooperando para a tão estimada excelência. (DOS SANTOS; SCOPINHO, 2016, p. 276)

Mas o Movimento Negro tem atuado fortemente no que concerne a educação, de forma incrivelmente dinâmica, e ao mesmo tempo com uma tensão conservadora (GOMES, 2018, p. 24). As oportunidades ao serem criadas e aproveitadas pelo sujeito negro nas universidades públicas, após as dificuldades de acesso serem transpostas e

---

<sup>4</sup> A pesquisa feita pelo IBGE foi realizada entre jovens de 18 a 24 anos. Fonte: PNAD, IBGE (2012).

---

superadas trazem à luz a questão do pesquisador “sendo parte dos fenômenos que investiga, também se inter-relaciona com as mídias e constrói concepções sobre elas; tem sua cultura que define, entre outras coisas, maneiras de ver e de se relacionar socialmente” (BONIN, 2018, p. 15).

O que nos direciona nesse trabalho são os objetos de pesquisa em comunicação na atualidade, muitas vezes, pautados em ambiências e práticas de uso das mídias e mediações, que proporcionam “uma profusão de páginas pessoais, de figuras públicas e de grupos juvenis, publicadas por pessoas negras que escrevem sobre a experiências de ser negro, denunciam o racismo e transmitem informações” (GOMES, 2018, p. 70).

Segundo Adriano Rodrigues (2016), a comunicação não pode ser definida apenas como uma prática de transmissão da informação, ela é a atividade social, as interações, a forma como os seres humanos interagem entre si, podendo ser em um ambiente físico ou criado por dispositivos midiáticos, com a possibilidade de desencadear estados emocionais positivos e envolvimento entre os participantes.

Os processos de globalização ocorreram de par com os processos de localização, com a adoção de políticas de identidade por parte de grupos sociais vitimizados, direta ou indiretamente, pela globalização hegemônica minorias étnicas, povos indígenas, grupos de imigrantes, mulheres, etc (SANTOS, 2009, p. 27).

Concordamos com Bonin e Saggin (2018), ao afirmarem que “a internet contribuiu significativamente para que o direito à informação e à comunicação, como necessidade humana, social e política, fosse expandido” (BONIN; SAGGIN, 2016, p. 7), e as interações proporcionaram a produção em massa de saberes e conhecimento entre a população negra. Adriano Rodrigues (2016) diz que a interatividade aproximou os indivíduos em um mesmo ambiente, físico e midiático, onde houve o reconhecimento mútuo e recíproco das necessidades de suas urgências. As práticas midiáticas contemporâneas colaboram para a divulgação dos espaços midiáticos e físicos do Movimento Negro possibilitando a retribalização das pessoas negras, no que McLuhan chama de Aldeia Global (1962), atualmente, podendo ser vista como resultante das diferenças interculturais que são as causas de muitos conflitos sociais, que aproxima e integram os grupos que convergem, na mesma medida que afasta aqueles coletivos e pessoas que divergem socialmente.

Uma das questões que move Movimento Negro na luta pelo reconhecimento de suas práticas culturais e sociais, no âmbito educacional e científico, se dá no fato de que

a cultura eurocêntrica é vista como figura do espaço central do conhecimento, e a partir da superioridade da cultura ocidental desenha-se as outras culturas de minorias étnico-raciais no sistema educativo hegemônico, como ausentes, vencidas, marginalizadas ou suprimidas (SANTOS, 2009).

Os padrões do multiculturalismo ao qual o sujeito está exposto torna-o ativo nos processos sociais contemporâneos, e deve-se levar em consideração que o multiculturalismo “refere-se às estratégias políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais” (HALL, 2003, p.52). Devido aos hábitos culturais de uma sociedade em midiatização as interpretações do momento histórico são essenciais na construção das identidades dos sujeitos, ainda que em constante transformação. E, a época histórica do sujeito vai ser um fator de relevância para a forma como ele vê o mundo, assim como a herança cultural internalizada pelas suas experiências, se tornará relevante para as suas manifestações.

A pesquisa que se alinhe a uma episteme que se coloque a serviço do esclarecimento, do conhecimento aprofundado das realidades e da humanização dos sujeitos, necessita dialogar com os saberes destes sujeitos para produzir, em confluência e confrontação com suas cosmovisões, um conhecimento aprofundado de suas realidades e que deve contribuir, também, para a ampliação destas cosmovisões. (BONIN, 2018, p. 16)

As contribuições que as pessoas negras trazem de sua própria realidade, possibilitam que suas experiências ajudem a construir uma ponte entre o empirismo e a pesquisa, no que diz respeito às lógicas do racismo, pois “é importante, nos processos formativos, reconhecer o valor epistêmico das pessoas, o que implica incluir e potencializar competências trazidas pelos estudantes” (BONIN, 2015, p. 39). Entretanto, para que isso acontecesse foi preciso ser oportunizado ao sujeito negro um lugar de fala e uma posição de pesquisador.

## **A MUDIATIZAÇÃO DOS SABERES EMANCIPATÓRIOS**

As condições econômicas, sociais e políticas são fatores que atuam como propulsores dos movimentos sociais, configurados organizativamente em forma de rede, através da revolução cultural que ocorre dentro dos espaços digitais, e permite a chance

de uma multiplicidade participativa como parte de um contexto histórico (BONIN; SAGGIN, 2016), que sustenta esse movimento crescente da diversidade étnico-racial dentro das universidades.

O pensamento abissal desenvolvido por SANTOS (2010) aborda as distinções invisíveis que dividem a realidade social entre dois universos, onde a realidade de um lado é inexistente. A cultura negra teve seus saberes negados durante muito tempo, devido ao racismo estrutural enraizado na sociedade e suas instituições, onde a cultura negra co-existia paralelamente no contexto popular, sem nenhum tipo de reconhecimento institucional.

Em um mundo onde a educação é um privilégio e o aprisionamento da consciência impede de toda maneira o acesso das massas à experiência autêntica das formações espirituais, já não importam tanto os conteúdos ideológicos específicos, mas o fato de que simplesmente haja algo preenchendo o vácuo da consciência expropriada e desviando a atenção do segredo conhecido por todos (ADORNO, 1998, p. 20).

A epistemologia dos sujeitos negros encontra-se atravessada pela dialética entre conhecimento e saber (MRECH, 1999), mas têm buscado evitar o epistemicídio dos saberes culturais que se encontram do outro lado da linha, através da “emancipação entendida como transformação social e cultural” (GOMES, 2017, p. 49).

A obra de Nilma Lino Gomes (2018) identifica que o movimento negro brasileiro tem produzido saberes emancipatórios sistematizados ao longo de sua trajetória, entre eles:

- *os saberes identitários*: que pauta as questões como apropriação cultural, colorismo, racismo, ações afirmativas são realizadas na vida online e off-line de maneira crítica, política e posicionada pelos sujeitos negros;
- *os saberes políticos*: a ressignificação da raça passa a ser um critério para superar as desigualdades por meio de políticas públicas, suscitando o reconhecimento de que negros e negras são sujeitos políticos e têm competência para falar sobre a questão racial no Brasil e sobre os mais variados temas, fazendo com que a questão racial passe a ocupar um outro lugar político no campo da produção do conhecimento e das instituições;
- *saberes estético-corpóreos*: fazem parte de uma série de lutas e ensinamentos das mulheres negras buscando a superação da visão exótica e erótica da mulher negra dos anos 70 e 80, a fim de reeducar os negros e negras na sua relação com o corpo.

---

Reeducar a sociedade no seu olhar sobre o corpo negro, buscando, também por meio da estética, a ter orgulho de ser negro, compreendendo que corpo e cabelo são importantes símbolos de construção da identidade negra e resultando em uma postura mais afirmativa do que as gerações passadas

A disseminação desses saberes emancipatórios, muitas vezes deu-se por meio da circulação midiáticas das lutas e movimentos sociais, e de acordo com Bonin e Saggin (2016), “contemporaneamente, assistimos a um processo de midiaticização que penetra e reconfigura os diversos campos sociais constituindo, também, as culturas e identidades dos sujeitos que se apropriam das mídias” (BONIN; SAGGIN, 2016, p. 13).

A emancipação dos saberes proporcionada pelos Movimento Negro reflete diretamente na forma como o próprio negro e a sociedade passam a se posicionar perante a construção da imagem e estereótipo do afro-brasileiro, alcançando méritos sociais e políticos dentro da sociedade. As pesquisas acadêmicas passaram a direcionar as temáticas das negritudes, e popularizá-las através da análise da cultura midiática, emergindo as insurgências ao segregacionismo no que se refere à imagem e representação das pessoas negras. Pois, “os meios de comunicação são hoje o campo por excelência da mediação ou da articulação dos campos autônomos” (Rodrigues, 1983, p. 32), e acompanhando esse movimento, “a internet e as redes sociais passaram a atuar na circulação e distribuição de conteúdos alternativos, entre eles movimentos de arte, músicas e culturas alternativas, possibilitando o reconhecimento e compartilhamento da arte de diversos artistas” (SANTOS, 2019, no prelo).

A cultura midiática, no âmbito do Movimento Negro e suas práticas de emancipação, entra em conformidade com o que propõe Adorno e Horkheimer (1985) ao dizer que uma das maneiras de emancipar os indivíduos das práticas de escravização cultural seria desenvolver uma formação das relações com a educação, no âmbito da política e da cultura de uma forma diferente. Essa ação diferenciada ocorre no contexto educacional à medida que “o objetivo último de uma educação transformadora é transformar a educação, convertendo-a no processo de aquisição daquilo que se aprende, mas não se ensina, o senso comum” (SANTOS, 2009, p. 18), e a “noção do senso comum de que ‘há um tempo e um lugar para tudo’ é absorvida num conjunto de prescrições que replicam a ordem social ao atribuir sentidos sociais aos espaços e tempos” (HARVEY, 1993, p. 198), pois “todo campo, o campo científico por exemplo, é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças”



---

(BOURDIEU, 2004, p. 22.). O resultado dessa emancipação dos saberes é a produção científica do feminismo negro, encarceramento em massa, políticas públicas, interseccionalidade, saúde da população negra, representatividade, entre vários outros assuntos que abordam as questões sociais, políticas e econômicas, antes pouco presente nas mídias.

O reflexo das mudanças nos processos sociais traz “a confluência de diversidades, posturas e visões muito mais dinâmicas possibilitadas pela configuração desses espaços digitais, nos quais a rede mundial permite, potencialmente, a chance de uma multiplicidade participativa” (BONIN, 2016). E, “com a midiaticização crescente, os campos sociais, que antes podiam interagir com outros campos segundo processos marcados por suas próprias lógicas e por negociações mais ou menos específicas de fronteiras, são crescentemente atravessados por circuitos diversos” (BRAGA, 2012, p. 43).

Os circuitos em desenvolvimento tendem a atravessar os campos sociais, levando a uma espécie de recontextualização (BRAGA, 2012), e analisando os fatores que acompanham a cultura e a história do povo negro, percebemos que mesmo com a crescente busca de ressignificação dos estudos das negritudes, os processos de investigação são enviesados, e resultam com frequência em temas como o racismo, escravidão, desigualdades sociais e raciais e colonização.

A cultura eurocêntrica figura no espaço central do conhecimento, é a partir da superioridade da cultura ocidental desenha-se as outras culturas de minorias étnico-raciais no sistema educativo hegemônico, muitas vezes, como ausentes, vencidas, marginalizadas ou suprimidas (SANTOS, 2009). Segundo Adorno (2008), a formalização, do ponto de vista da indústria cultural, torna as instituições pilares do conhecimento, reproduzindo a manipulação do que fora instituído, sem possibilidade de contestar ou desconstruir quaisquer que sejam suas experiências. E, partindo da ideia de que a hegemonia dos sistemas midiáticos ainda permanece no contexto mundial e nacional (MALDONADO, 2015), vemos que a lógica do racismo também se encontra enraizada nos processos de produção acadêmica que têm a mídia como objeto, resultando na circulação de conteúdos midiáticos que perpetuam as relações de poder das culturas ocidentais. Porém, o Movimento Negro através da história trabalha “a necessidade de negar a história oficial e de contribuir para a construção de uma nova interpretação da trajetória dos negros no Brasil” (GOMES, 2017, p. 48).

---

A mediação produz dinâmicas que refletem em efeitos na sociedade, e são disseminados em circuitos complexos reconfigurando sentidos pré-estabelecidos. Tal potencial deve-se ao fato de que às práticas dos campos sociais se utiliza dos meios nessa nova ambiência, para ressignificar conteúdos e pautas já abordados anteriormente. Em pesquisas de comunicação que, por exemplo, tem como objeto as (in)visibilidades do povo negro na mídia, o fator resultante das análises, frequentemente, incide na produção, *quase óbvia*, das lógicas do racismo, sejam eles implícitos ou explícitos. Essa ideia de reprodução de resultados constantes nos remete à circularidade, onde “o sofrimento humano mediado pela sociedade da informação está transformado numa telenovela interminável em que as cenas dos próximos capítulos são sempre diferentes e sempre iguais às cenas do capítulo anterior” (SANTOS, 2009, p. 16).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar os estudos da Comunicação em uma visão positivista é um desafio que transborda os campos científicos e epistemológicos, pois as lógicas do racismo estrutural e institucional, engendrado nos processos sociais da sociedade brasileira ainda coloca o sujeito negro como um corpo estranho na academia.

As competências do investigador enquanto sujeito, apresentam valores epistêmicos que podem e devem ser considerados na construção dos objetos de pesquisa (BONIN, 2018). Porém, desconstruir convicções refletidas nas experiências vividas dentro de culturas hegemônicas que perpassaram gerações torna-se um desafio para o pesquisador negro, e se constitui no imaginário de igualdade social que se revela aos poucos dentro da academia, como uma luta constante e aparentemente interminável.

O sujeito investigador se forma através da investigação, e o objeto da investigação se constrói na dialética entre a teoria e o dado-empírico (BONIN, 2018). Logo, o sujeito negro enquanto pesquisador precisa adotar medidas para internalizar o que Maldonado (1999) descreve sobre os fatores do processo de transformação de Mattelard, que viu ser necessário se confrontar com “a realidade socioeconômica e política, orientando suas perguntas e estruturando suas problemáticas de acordo com as demandas históricas de um pensador revolucionário” (MALDONADO, 1999, p. 3) .

O negro como pesquisador realiza levantamento de dados para comprovar cientificamente, através de pesquisas exploratórias, etnografias, entre outras técnicas e

metodológicas, fatos que são inerentes às obviedades de suas experiências: o racismo é um ator social onipresente, cujas práticas atravessam gerações, causando danos de diversas naturezas. Então o que se provoca no campo é: Como a empiria das práticas racistas vivenciadas pelos acadêmicos negros pode ser trabalhada no sujeito de forma neutra para atingir resultados relevantes no âmbito cultural e colaborativo no processo de construção identitária da pesquisa e da sociedade? Como operar teorias e perspectivas positivistas quando a realidade deslegitima o acesso investigador negro como parte da comunidade acadêmica de forma racista e opressora?

O início da mudança desses paradigmas se dá através do que Boaventura de Sousa Santos (2002) chama de realismo utópico, usado por grupos com pouca representatividade social que constroem possibilidades onde parece ter desaparecido alternativas. E, tendo em vista que a neutralidade para o pesquisador negro que estuda as negritudes é quase uma utopia, uma vez que as heranças sociais deixadas pelo período escravagista fazem parte da sua identidade, do seu conhecimento, sua história de vida enquanto ator social, o que vemos é que “algumas heranças do racismo científico permanecem até hoje, mesmo entre os intelectuais considerados progressistas” (GOMES, 2018, p.71).

Ainda estamos pisando em um terreno nunca habitado antes, tentando criar uma corrente de pesquisas científicas que reflitam positivamente de maneira política e social, entretanto o que precisamos pensar daqui em diante em formas de colaborar efetivamente em mudanças que reflitam na realidade do sujeito negro, enquanto ator social e investigador, e é com urgência que precisamos pensar sobre as relações e experiências desse indivíduo sujeito que serão determinantes para a ocupação dos espaços sociais.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Introdução à Sociologia**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo. Editora UNESP, 2008.

ADORNO, Theodor W. **Prismas: crítica cultural e sociedade**. Trad. Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Editora Ática, 1998.

ADORNO, Theodor W e HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1985

BONIN, Jiani. **Processos e percursos de construção de pesquisas em recepção: algumas reflexões epistêmico-metodológicas**. Revista Conexão Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul – v. 17. Dossiê 2018, p.13-25.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre a formação de iniciação científica em perspectiva cidadã**. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul – v. 14, 2015.

- BONIN, Jiani; SAGGIN, Livia. **Reflexões teóricas para pensar as relações entre mídias, identidades culturais, movimentos sociais e cidadania.** Lumina. Juiz de Fora, MG. Vol.10, nº1. Abril 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais das ciências: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: UNESP, 2004.
- BRAGA, José Luiz. **Circuito versus campos sociais.** In: MATTOS, M. Â.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (Org.). *Mediação & Mídiação*. Salvador: COMPOS-EDUFBA, 2012. p. 31-52.
- BUNGE, Mario. **Epistemologia.** São Paulo: Quieroz Editor, 1980
- DOMINGUES, Petrônio. **Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931 – 1937) e a questão da educação.** Revista Brasileira de Educação. v. 13 n. 39 set./dez. 2008
- DOS SANTOS, Elisabete F.; SCOPINHO, Rosemeire A. **Desigualdades Raciais, Mérito e Excelência Acadêmica.** Psicologia: Ciência e Profissão, Abr/Jun. 2016, v. 36 nº2, 267-279.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2017
- GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G. **Movimento negro e educação.** Revista Brasileira de Educação, 2000, p. 134-158.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e Mediações culturais.** Org. Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro:DP&A, 2006.
- HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna.** São Paulo: Loyola, 1993.
- MACHADO, Wagner da Silva; DE CAMPOS, Moacir Cezar, Deivison. **Os dois lados do espelho: a cobertura midiática e as publicações do coletivo negro balanta no embate sobre as cotas na UFRGS.** Revista Práxis: Novo Hamburgo, RS, 2019.
- MALDONADO, Alberto Efendy. **Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural.** Revista Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 713-727, set./dez. 2015.
- \_\_\_\_\_. **Teorias críticas da comunicação: o pensamento de Armand.** Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 6, p. 1-23, julho/dezembro 1999.
- MCLUHAN, H.M. **The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man.** Toronto: University of Toronto Press, 1962.
- MRECK, L.M. **Psicanálise e educação: novos operadores de leituras.** São Paulo: Pioneira, 1999.
- RODRIGUES, Adriano D. **A natureza pragmática da comunicação e a informação.** In: *Epistemologias, comunicação e informação.* Org. Valdir Morigi, Nilda Jacks e Cida Golin. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 23 – 43.
- RODRIGUES, Adriano. D. **O campo dos media.** Lisboa: 1983.
- SANTOS, B.S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B.S & MENESES, M.P. (orgs.) *Epistemologias do Sul.* São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.
- \_\_\_\_\_. **Para uma pedagogia do conflito.** In: Freitas, Ana Lúcia e Moraes, Salette Campos (Orgs.), *Contra o desperdício da experiência. A pedagogia do conflito revisitada.* Porto Alegre: Redes Editora Lda., 2009, 15-40.

---

\_\_\_\_\_. **A crítica da razão indolente – Contra o desperdício da experiência.** Porto: Afrontamento, 2002.

SANTOS, Joselaine C. S. **A ressaca das ondas feministas: Considerações sobre conflitos na contemporaneidade.** In: XX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL. Porto Alegre. *Anais...* 2019. No prelo.

SILVA, Maurício. **Cotas raciais na universidade brasileira e a ideologia da meritocracia.** Revista. *Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 17, n. 54, p. 1207-1221, jul./set. 2017.

STREY, Marlene Neves et al. **Psicologia social contemporânea: livro-texto.** Vozes: Petrópolis, RJ. 2013.